

Exegese Bíblica no Período Apostólico

Pr. Me. Diego Ramos ¹

1 Introdução

Os intérpretes judeus do séc. I se valiam de alguns princípios exegéticos básicos para nortear a interpretação daqueles escritos tidos como de alto valor espiritual. Para o leitor do séc. XXI esses antigos pressupostos hermenêuticos e o uso de fontes alheias ao AT podem não saltar prontamente aos olhos na leitura bíblica, mas isso não anula seus efeitos para o desenvolvimento teológico do NT. Portanto, visando facilitar uma aproximação ao *modus operandi* como os autores bíblicos interpretavam seus escritos, sugere-se como ponto de partida a principal fonte de referência utilizada pelos cristãos à época. Neste sentido, o campo de pesquisa a respeito do uso do AT no NT talvez seja, de longe, o melhor caminho para a compreensão da exegese bíblica no período apostólico.²

Os estudos tradicionais sobre o uso do AT no NT sempre utilizaram categorias como profecia e cumprimento, tipo e antítipo, alegoria, *targum* e *midrash* para tentar dar conta do emaranhado de possibilidades que esse campo da pesquisa bíblica propõe. Neste sentido, Steve Moyise e Grant Osborne indicam que o termo literário “intertextualidade”, desenvolvido por Julia Kristeva (1969) e introduzido nos estudos bíblicos por Richard B. Hays (1989), abriu um novo conjunto de possibilidades.³

Por intertextualidade se entende o fenômeno de interação dialógica que um texto sofre quando é utilizado em um contexto diferente, por vezes, recebendo um novo significado no novo contexto. Embora haja aspectos de continuidade, a intertextualidade reconhece que “cada recontagem de uma história é, em certo sentido, uma reformulação dessa história”.⁴

¹ Pastor Batista; Mestre em Teologia Bíblica (PUC-Rio); Especialista em Educação Cristã (Seminário Batista do Sul); Formado em Ministério Pastoral pelo STBN e Professor do STBN. Email: prdiegoramos@outlook.com.

² Em vários momentos do NT os autores bíblicos também fazem uso de fontes extrabíblicas nas suas composições, mas é válido ressaltar que os mesmos princípios hermenêuticos que regem o uso do AT no NT também regem o uso das fontes extrabíblicas no NT.

³ OSBORNE, G. R. A espiral hermenêutica, p. 423; MOYISE, S. Intertextuality and biblical studies: a review, p. 418-419; BEETHAM, C. A. Echoes of scripture in the letter of Paul to the Colossians, p. 01; HAYS, R. B. Echoes of scripture in the letters of Paul, p. xii, 14-24.

⁴ MOYISE, S. Intertextuality and biblical studies: a review, p. 424.

A “intertextualidade dialógica” afirma que o texto-fonte nem sempre é tão maleável quanto categorias tradicionais como alegoria, tipologia e *midrash* sugerem. Às vezes, o texto-fonte é tão poderoso que traz consigo associações e conotações que não são facilmente silenciadas [...]. Um autor não “domina” um texto no senso de “controlar” seu significado. O texto reage, por assim dizer, lembrando o leitor de que pertenceu a outro lugar e que possui certos “direitos”. Chamo isso de “intertextualidade dialógica”, pois sugere que a influência entre os textos é bidirecional: o novo afeta o antigo, enquanto o antigo afeta o novo.⁵ (tradução nossa)

De fato, a hermenêutica pós-moderna está certa ao constatar que nenhum texto é uma ilha, logo, nenhum texto pode ser entendido isoladamente. O complexo sistema de códigos e signos que formam uma superfície textual pode ser entendido como uma grande teia ou matriz que depende de outros textos para obter o seu significado. Desse modo, cada novo texto sempre perturba a superfície de textos existentes, revisando-os, à medida que vão surgindo.⁶

Apesar da contribuição que a compreensão da intertextualidade como fenômeno literário pode agregar para a exegese bíblica, não é recomendado considerá-la como ponto de partida para os estudos bíblicos, pois dificilmente os autores bíblicos tinham clara percepção das inúmeras possibilidades de interações dialógicas quando lançavam mão dos escritos veterotestamentários aplicando-os em um novo contexto.

É necessário considerar a perspectiva de leitura apostólica do AT antes de analisar o seu uso, seja em Marcos ou em todo o NT. O modo como os autores neotestamentários faziam uso das Escrituras era diversificado e gera ocasião para inúmeras discussões acadêmicas que vão desde o uso consciente ou inconsciente de termos comuns ao uso de padrões exegéticos judaicos, a depender do objetivo.⁷ O centro do debate, na verdade, reside na continuidade ou descontinuidade entre o sentido original das passagens do AT e o uso que os autores do NT faziam delas.

Fato é que a análise intertextual auxilia na compreensão dessa interação dialógica entre os testamentos a posteriori, mas não ajuda o analista a compreender os pressupostos exegéticos e hermenêuticos que norteavam os autores bíblicos. Para isso é imperioso conhecer as tendências de abordagem ao AT que havia no período do judaísmo do Segundo Templo – do qual faz parte o NT. Sem levar em conta esse contexto, qualquer

⁵ MOYISE, S. Intertextuality and biblical studies: a review, p. 424.

⁶ MOYISE, S. Intertextuality and biblical studies: a review, p. 418.

⁷ BEALE, G. K. Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 21.

tentativa de análise textual entre os Testamentos seria considerado, minimamente, incipiente.

O percurso para o estudo do *modus operandi* como os autores bíblicos fizeram uso do AT no NT passa antes pela análise dos métodos exegéticos judaicos. Isso nos levará ao levantamento das principais fontes de referência, dos padrões exegéticos mais comuns, das técnicas de apropriação textual mais utilizadas e dos pressupostos hermenêuticos que orientavam a leitura e a interpretação apostólica.

2 **Fontes**

Consideram-se “fontes” todos os documentos que podem ter servido de substrato para uma consulta direta ou indireta dos textos bíblicos citados ou aludidos no Novo Testamento pelos apóstolos.

2.1 **Fontes primárias**

Em relação às fontes, o texto hebraico consonantal (TH) e a Septuaginta (LXX) são consideradas as principais. A maioria das citações do AT no NT, inclusive, tem origem na versão grega em detrimento do texto hebraico, menos utilizado. Isso porque a LXX era a Bíblia corrente no séc. I, aceita até na Palestina. Mesmo as epístolas de perfil mais judaico, como Hebreus e Tiago, lançaram mão dela.⁸

Segundo Osborne, trinta por cento dos casos de citações existentes no NT são idênticas ao TH e, nos casos em que há diferença, até mesmo em relação à LXX, deve-se levar em conta as variantes encontradas nas três recensões judaicas⁹ ou, como demonstram alguns rolos de traduções gregas que foram encontradas em Qumran, a alguma versão grega que reflete um exemplar hebraico que tenha existido antes da cristalização do cânon veterotestamentário.¹⁰

⁸ A Septuaginta é a tradução grega do AT, provavelmente elaborada entre 250-150 a.C., em Alexandria, e teve três recensões judaicas (Áquila, Símaco, Teodocião) e três cristãs (hesiquiana, hexaplárica e luciânica). OSBORNE, G. R. A espiral hermenêutica, p. 413; FISCHER, A. A. O texto do Antigo Testamento, p. 93-107.

⁹ OSBORNE, G. R. A espiral hermenêutica, p. 421.

¹⁰ FISCHER, A. A. O texto do Antigo Testamento, p. 117, 120-121. Longenecker acrescenta que apesar da forte dependência da redação da LXX, no NT também existem alguns casos em que citações diferem de todas as versões conhecidas do Antigo Testamento, seja grego, hebraico ou aramaico: (1) Mc 10,19; Mt 19,18-19 e Lc 18,20 ao citar Ex 20,12-16 e Dt 5,16-20; (2) Mc 12,36; Mt 22,44 e Lc 20,42-43 ao citar Sl

Em menor volume, as traduções targúmicas, paráfrases em aramaico do texto hebraico,¹¹ também podem nos ajudar a compreender alguns usos do AT no NT. “Ao dar ‘o sentido’, os targumistas tentaram permanecer o mais fiéis possível ao texto original e ainda assim revelar o significado do que o texto tinha a dizer aos seus ouvintes. Os Targuns, portanto, ficam a meio caminho entre a tradução direta e a recontagem livre da narrativa bíblica”.¹²

Um exemplo bem conhecido é Marcos 4,12, texto em que Jesus cita o AT numa forma próxima ao Targum de Isaias 6,9-10, “para que, vendo, vejam e não percebam; [...] para que não se convertam e sejam perdoados”. Tanto o *šva* (= propósito, “para que”) quanto o uso de “perdoados” em vez de “curados” (TH e LXX) refletem o targum, mostrando que o propósito de Jesus era descrever os líderes cruéis da parábola do semeador e, por comparação, chamar os ouvintes ao entendimento. Outro exemplo pode ser o eco do Targum de Pseudo-Jônatas, de Levítico 22,28, em Lucas 6,36, “Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso”.¹³

2.2 Fontes secundárias

Como fontes secundárias, é possível indicar outros textos de origem judaica, tais como os escritos de Qumran, de Filo, Josefo, os tratados rabínicos e demais textos considerados apócrifos. Estes documentos ajudam a compreender o pano de fundo histórico-cultural que pode ter influenciado, de certo modo, a cosmovisão apostólica e, conseqüentemente, a releitura do AT sob nova(s) perspectiva(s). Outros textos da literatura helenístico-romana que não bebem nas mesmas fontes bíblico-judaicas do NT, mas que clarificam constantes antropológicas e aspectos sociais das culturas mediterrâneas, também podem ser considerados.¹⁴

110.1; (3) Mc 14,27 e Mt 26,31 ao citar Zc 13,7; (4) Lc 4,18-19 ao citar Is 61,1-2; 58,6. LONGENECKER, R. N. *Biblical exegesis in the apostolic period*, p. 46.

¹¹ Na Palestina do séc. I o aramaico era a língua corrente e o hebraico era utilizado apenas por uma minoria escolarizada. Os Targuns (תרגום = tradução, explicação, comentário) apresentavam paráfrases ora livres, ora mais próximas do original hebraico, a fim de transmitir o sentido do texto. Isso permitia às pessoas comuns compreender melhor as Escrituras. Os primeiros Targuns escritos devem ter surgido por volta do IV ou III séc. a.C., logo, eles estão próximos temporalmente do surgimento da Septuaginta. OSBORNE, G. R. *A espiral hermenêutica*, p. 414-415; FISCHER, A. A. *O texto do Antigo Testamento*, p. 127.

¹² LONGENECKER, R. N. *Biblical exegesis in the apostolic period*, p. 8.

¹³ OSBORNE, G. R. *A espiral hermenêutica*, p. 415.

¹⁴ PÉREZ FERNÁNDEZ, M. *Textos fuente y textos contextuales de la narrativa evangélica*, p. 605.

3 Padrões exegéticos

Dentre os principais padrões exegéticos judaicos é possível destacar o método literalista, o *midrash* e o *peshet*.¹⁵

Em relação à interpretação literalista, como o próprio nome já diz, se refere ao uso claro, direto, simples e natural do texto. Esse método é particularmente utilizado pelos autores do NT quando eles apelam para a lei mosaica, onde a liminar original é preservada. Esse método é o mais familiar para os intérpretes modernos das Escrituras e não apresenta grandes dificuldades de uso.¹⁶

Um segundo padrão exegético, o *midrash*¹⁷, provém da palavra hebraica מדרש que significa “procurar, expor, investigar, interpretar”. Trata-se de um termo rabínico para a exegese bíblica. Como tal se refere a uma exposição interpretativa que procura elucidar significados ocultos e incorporados, aprofundando o espírito do texto para alcançar significados que não são imediatamente óbvios.¹⁸

A crença era que havia significados além dos que estavam obviamente determinados. Eles representavam a verdadeira ideia central de um texto; esse era o objetivo dos *midrash*. Os mestres judeus empregavam tanto os padrões do *peshat* (literal) quanto do *midrash* (significado subjacente ao texto). Havia dois aspectos, *halakha* (*halakh*, “[como] andar”; logo, referia-se a questões legais) e o *hagadá* (*nagad*,

¹⁵ No entanto, considerar esses padrões como “métodos” propriamente dito já no período apostólico ainda é motivo de discussão no campo acadêmico. A definição de *midrash*, por exemplo – um termo usado tanto no judaísmo primitivo quanto no rabínico para designar uma exposição interpretativa e um método particular de interpretação – quando usado de forma mais restrita, também conota um gênero literário particular (cf. A. G. Wright), uma atitude mais do que um método (cf. R. Le Déaut), ou simplesmente “um tipo de interpretação bíblica que é encontrada nos comentários bíblicos judaicos que os judeus chamam de ‘*midrash*’” (cf. D. Boyarin)? Da mesma forma com relação ao termo *peshet*, que aparece nos Manuscritos do Mar Morto. Isso se refere a um método de exegese diferente do *midrash*? Ou deve ser visto como uma subcategoria ou extensão do *midrash* – isto é, como *midrash-peshet*. Ou os dois termos devem ser entendidos como sinônimos? E questões semelhantes podem ser levantadas com relação a *peshat* (“simples” ou “literal”) e exegese alegórica. LONGENECKER, R. N. *Biblical exegesis in the apostolic period*, p. xxiii.

¹⁶ GUNDRY, S. N.; BERDING, K.; LUNDE, J. (eds.). *Three views on the New Testament use of the Old Testament*, p. 26; LONGENECKER, R. N. *Biblical exegesis in the apostolic period*, p. 14-18.

¹⁷ Sobre a interpretação midráshica, Longenecker destaca: (1) Seu ponto de partida é a Escritura; é uma reflexão ou meditação sobre a Bíblia. (2) É homilético e em grande parte se origina da leitura litúrgica da Torá. (3) Faz uma análise meticulosa do texto, com o objetivo de iluminar obscuridades ali encontradas. Todo esforço é feito para explicar a Bíblia pela Bíblia, geralmente não arbitrariamente, mas explorando um tema. (4) A mensagem bíblica é adaptada para atender às necessidades contemporâneas. (5) De acordo com a natureza do texto bíblico, o *midrash* ou tenta descobrir os princípios básicos inerentes às seções legais, com o objetivo de resolver problemas não tratados na Escritura (*halakha*); ou se propõe a encontrar o verdadeiro significado dos eventos mencionados nas seções narrativas do Pentateuco (*Hagadá*). LONGENECKER, R. N. *Biblical exegesis in the apostolic period*, p. 23.

¹⁸ GUNDRY, S. N.; BERDING, K.; LUNDE, J. (eds.). *Three views on the New Testament use of the Old Testament*, p. 25; PORTON, G. G. *Midrash*, p. 818; KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. מדרש, p. 233.

“explicar”; logo, referia-se a abordagens expositivas ou homiléticas). O primeiro veio das academias e se concentrou nas regras para a vida, o segundo veio das sinagogas e se concentrou nos caminhos do povo de Deus. Havia ainda dois tipos de literatura, obras de exposição, na forma de comentários sobre um texto, e as outras obras homiléticas, que desenvolviam um tema ou assunto.¹⁹

Algumas listas de princípios exegéticos midráshicos atribuídas a vários rabinos judeus tentam elucidar as possíveis maneiras como o AT era interpretado. Dentre essas listas podemos destacar os sete princípios (*middoth*) de Hillel,²⁰ que foram posteriormente ampliados para as treze regras do Rabino Akiba (110-130 d.C.) e as trinta e duas do Rabino Eliezer ben Jose ha-Galili (130-160 d.C.).²¹

A autenticidade dessas listas, no entanto, é duvidosa. Não existe qualquer evidência de que esses sábios reconheçam tais listas atribuídas a eles ou até mesmo se utilizavam tais princípios. E, como já é sabido desde o final da década de 40, as técnicas exegéticas atribuídas a esses rabinos eram aquelas já comumente usadas pelos retóricos helenistas, o que evidencia que as práticas exegéticas judaicas não eram tão distantes das práticas exegéticas de seus vizinhos não judeus à época.²²

Um terceiro padrão exegético judaico, o *pesher*, provém da palavra hebraica פְּשֵׁר e significa solução ou interpretação. Esse método é visto principalmente na literatura de Qumran dada a convicção que este grupo possuía de que eles eram o verdadeiro povo escatológico de Deus. Eles aguardavam uma iminente invasão do “Reino de Deus” em seus dias e interpretavam as Escrituras como encontrando cumprimento na sua história particular e contemporânea.²³

¹⁹ OSBORNE, G. A espiral hermenêutica, p. 415-416.

²⁰ É atribuído ao rabino Hillel sete regras para explicação da lei do AT. Estas regras surgiram por volta do séc. I a.C. e todas elas encontram paralelos equivalentes nos princípios hermenêuticos da retórica helenista. São elas: 1ª Regra: “coisas fáceis e difíceis”, isto é, a conclusão *a minori ad majus*, do fácil ao difícil, e também vice-versa; 2ª Regra: “decisão idêntica”, isto é, a conclusão analógica (*per analogiam*). Essa regra pressupõe que nos textos legais ocorrem termos de teor ou também de significado idêntico; 3ª Regra: “constituição de uma família a partir de outros textos”, ou seja, de uma passagem é derivada uma tese principal, que em seguida liga todas as demais passagens semelhantes numa só família; 4ª Regra: a dedução de uma tese principal resulta de duas passagens da Escritura; 5ª Regra: “coisas gerais e singulares” e “coisas singulares e gerais”, isto é, a interpretação do geral por meio do particular e do particular pelo geral; 6ª Regra: “conforme o semelhante em outra passagem”, isto é, uma definição mais precisa de uma passagem bíblica por meio da outra; 7ª Regra: “uma coisa” que se deduz do contexto, isto é, uma interpretação do contexto da afirmação bíblica. SCHNELLE, U. Introdução à exegese do Novo Testamento, p. 152-153; LONGENECKER, R. N. Biblical exegesis in the apostolic period, p. 20-21.

²¹ OSBORNE, G. A espiral hermenêutica, p. 416.

²² PORTON, G. G. *Midrash*, p. 821.

²³ GUNDRY, S. N.; BERDING, K.; LUNDE, J. (eds.). Three views on the New Testament use of the Old Testament, p. 28.

Longenecker aponta que “A questão crucial na definição da interpretação *peshet* tem a ver com seu ponto de partida. Em contraste com a exegese rabínica, que falava de ‘isso tem relevância para isso’, os pactos do Mar Morto tratavam as Escrituras de uma maneira ‘isso é aquilo’”.²⁴ Essa exegese aparenta levar pouco ou nada em conta o contexto original do AT, mas, nem por isso, parece ter sido deixado de lado no NT. É possível encontrar a interpretação *peshet* repetidamente, inclusive nas palavras de Jesus.²⁵

É necessário salientar, entretanto, que apesar de ser possível identificar os métodos e padrões exegéticos que foram utilizados no NT, não há clareza sobre se os autores bíblicos tinham consciência clara destas categorias, pois eles parecem não ter feito muita distinção entre um tratamento literalista do texto, uma análise *midráshica*, uma interpretação *peshet* e a aplicação de uma profecia. Todos esses métodos exegéticos são percebidos a partir daquilo que foi elaborado e registrado a posteriori e, às vezes, se confundem aparecendo como uma combinação entrelaçada de vários métodos.²⁶

4 **Técnicas de apropriação textual**

Quanto às técnicas de apropriação²⁷ do AT no NT, é possível destacar, principalmente, a tipologia e a alegoria.²⁸

Por tipologia se entende não um método exegético pelo qual um intérprete verifica o significado de determinado texto, mas uma “perspectiva histórica” observada a partir de um τύπος, que significa “modelo”, “padrão” ou “exemplo”. Ou seja, eventos, instituições ou pessoas podem prenunciar situações futuras. Essa abordagem ao AT é tão predominante no NT que pode ser considerada como característica dele.²⁹

²⁴ LONGENECKER, R. N. Biblical exegesis in the apostolic period, p. 28.

²⁵ Cf. Mt 11,10; 13,14-15; 15,8-9; 21,42; 26,31; Mc 1,2-3; 12,10-11; 14,27; Lc 4,16-21; 7,27; 20,17; 22,37; Jo 5,39-47; 6,45; 13,18; 15,25. LONGENECKER, R. N. Biblical exegesis in the apostolic period, p. 54-57.

²⁶ LONGENECKER, R. N. Biblical exegesis in the apostolic period, p. 86-87.

²⁷ Osborne esclarece que o termo “técnicas de apropriação” é retirado de MOO, D. J. The Old Testament in the Gospel passion narratives, 1983. O termo se refere ao modo como os judeus e cristãos se apropriaram dos textos do AT e o aplicaram às novas situações de sua comunidade. OSBORNE, G. R. A espiral hermenêutica, p. 418.

²⁸ Enquanto alguns autores enquadram a alegoria como um padrão exegético (R. N. Longenecker; S. N. Gundry; K. Berding e J. Lunde) este trabalho seguirá a proposta de D. J. Moo e G. R. Osborne que definem a alegoria como uma técnica de apropriação textual, bastante próximo da tipologia. OSBORNE, G. A espiral hermenêutica, p. 418-420.

²⁹ GUNDRY, S. N.; BERDING, K.; LUNDE, J. (eds.). Three views on the New Testament use of the Old Testament, p. 18-19.

Existem vários exemplos de tipologia em ambos os Testamentos. O êxodo é um tipo de acontecimento em que se observa tanto o movimento de ida (Jr 31,15) quanto o de retorno (Os 11,1) do exílio, e cada um destes é, em termos tipológicos, cumprido na narrativa da infância de Jesus (Mt 2,15,18). Isaías prediz um novo êxodo (Is 43,16-21; 48,20-21; 52,11-12) e um novo Jardim do Éden (Is 11,6-9, cf. Ap 22,1-5). Os profetas descrevem o Messias como o Davi ideal (Is 22,20-24; Jr 23,5-6; Ez 34,23-24; Zc 3,8). No NT, Jesus percebe os dias de Noé e Ló cumpridos no julgamento por vir (Lc 17,28-30) e o lamento de Davi cumprido na sua morte (Mc 15,34 par.). Paulo percebe Adão como um “tipo daquele que estava por vir” (Rm 5,14; cf. Rm 5,14-21), e o cordeiro da Páscoa como um tipo de Cristo sacrificado pelo pecado (1Cor 5,7). Hebreus poderia ser designado como uma tipologia de Jesus cumprindo toda a lei cerimonial.³⁰

O cuidado que se deve tomar ao se aproximar destes exemplos está em diferenciar a tipologia da profecia. Enquanto a profecia é direta, a tipologia é indireta. Enquanto a profecia se volta para o futuro e anuncia um acontecimento relacionado ao NT, de forma análoga, a tipologia relaciona o evento do NT ao AT.

Desse modo, os acontecimentos que ocorreram no passado se unem aos que ocorreram no presente, de forma que as ações poderosas de Deus, como o Êxodo ou o Retorno do exílio, prenunciam as experiências da comunidade de Deus no presente, a igreja.³¹

Um segundo método de apropriação, a alegoria, também extrai um significado simbólico e espiritual do texto, pressupondo que uma interpretação mais profunda e sofisticada seja encontrada sob o significado óbvio da passagem. Mas diferente da tipologia que também pode fazer uma espécie de leitura simbólica, a alegoria é menos preocupada com o sentido literal e histórico do texto, embora não os negue, e se atém prioritariamente à ênfase dos detalhes e motivos literários com maior poder retórico e ilustrativo. E, diferente do *midrash* que também faz uma leitura “espiritualista” do texto, a alegoria não possui regras básicas de interpretação, logo, possui um caráter ainda mais livre de interpretação e aplicação.³² Existem várias passagens alegóricas em ambos os Testamentos:

O casamento de Oseias e Gomer, e seus dois filhos, como símbolo da deslealdade de Israel para com Deus; ou a Canção da Vinha, de Isaías 5,1-7, como uma alegoria do julgamento de Deus sobre Israel [...].

³⁰ OSBORNE, G. A espiral hermenêutica, p. 420.

³¹ OSBORNE, G. A espiral hermenêutica, p. 418-419.

³² GUNDRY, S. N.; BERDING, K.; LUNDE, J. (eds.). Three views on the New Testament use of the Old Testament, p. 29.

Parece claro agora que Jesus muitas vezes fez uso da alegoria em suas histórias, como nas parábolas do semeador (Mc 4,1-20 par.) ou dos agricultores maus (Mc 12,1-12 par.). A alegoria mais conhecida é a referência que Paulo faz a Sara e Hagar com a representação das alianças da graça e da lei, em Gálatas 4,24-31.³³

5

Pressupostos hermenêuticos

Em relação aos pressupostos hermenêuticos, importa levar em conta a cosmovisão que norteava a mentalidade de cada autor bíblico. Por isso, para além dos métodos exegéticos e de apropriação textual, é necessário considerar o ambiente social, cultural e as opções hermenêuticas a que os autores possivelmente tiveram acesso ou estavam expostos. Essa variedade de elementos, sem dúvida, também afeta a análise da interrelação entre os Testamentos.

5.1

Particularidades individuais

Paulo, por exemplo, tinha um preparo intelectual diferenciado que o permitia fazer uso do AT no NT de modo distinto de outros autores menos instruídos. Encontramos em Paulo, inclusive, referência a poetas gregos (At 17,28: Arato e Cleantes; 1Cor 15,33: Epimênides; Tt 1,12: Menandro). Um autor como Paulo tinha mais conhecimento do grego, da retórica helenística, semítica e consciência dos métodos exegéticos e princípios de interpretação utilizados à época do que a média das pessoas. Por conseguinte, analisar o uso do AT em Paulo exige do exegeta a consideração de elementos técnicos e contextuais distintos daqueles outros autores que não tiveram o mesmo preparo formal que ele.

Quanto a Marcos, sem dúvida, o evangelista faz uso do AT ao seu modo, muitas vezes pondo-o nos lábios de Jesus, por vezes conjugando duas ou mais passagens em uma, outras vezes entrando em tensão com a intenção dos autores originais e, ainda, outras vezes atribuindo e atualizando novos significados aos textos veterotestamentários. A variedade é notória. Seu grego, apesar de simples, não foge da riqueza retórica evidenciada pela forma como a sua composição narrativa foi estruturada.

³³ OSBORNE, G. A espiral hermenêutica, p. 421.

5.2 Hermenêutica escatológica

Apesar das particularidades individuais que diferenciam um autor bíblico do outro, são alguns pontos em comum na forma como eles fazem uso do AT no NT que chamam a atenção. Nota-se entre eles algumas semelhanças importantes no modo de interpretar e aplicar o AT e no modo como desenvolvem novos textos – a partir de textos mais antigos – por vezes parecendo distanciar-se do sentido original. Esta exegese aparentemente arbitrária ou aleatória do AT nos momentos que ele é citado ou aludido é comum no NT e suscita inúmeras discussões. Beale aponta alguns exemplos de suposta “interpretação equivocada”:

(1) Argumentação *ad hominem*: o papel dos anjos na revelação da Lei em Gl 3,19; o tema do “véu” do êxodo em 2Cor 3,13-18 e a “semente” de Gn 12,7; 22,17.18 em Gl 3,16; (2) Abordagens não contextuais do *Midrash*: interpretação do batismo e da “rocha espiritual que acompanhava [nossos pais]” em 1 Co 10,1-4; Dt 30,12-14 em Rm 10,6-8; Gn 12,7 e 22,17.18 em Gl 3,16; Sl 68,18 em Ef 4,8; Os 11,1 em Mt 2,15; (3) Interpretações alegóricas: Dt 25,4 em 1Cor 9,9; uso do AT em Gl 4,24; Gn 14 em Hb 7; (4) Interpretações que não levam em conta o todo, não regidas por qualquer tipo de regra interpretativa: Is 40,6-8 em IPd 1,24.25.³⁴

Alguns fatores poderiam ajudar a compreender este uso indiscriminado de citações e alusões do AT fora de contexto no NT. Marcus aponta uma primeira possibilidade, relacionado à “tendência generalizada na exegese judaica pós-bíblica, por exemplo, de interpretar os textos do Antigo Testamento escatologicamente, e esse padrão é seguido nas apropriações do Antigo Testamento no Novo Testamento”:³⁵

As interpretações judaicas escatologicamente orientadas dos textos do Antigo Testamento são especialmente esclarecedoras da intenção de Marcos por se apropriar desses mesmos textos, porque Marcos e sua comunidade parecem estar em contato com a Grande Revolta dos Judeus Palestinos contra o domínio romano (66-74 d.C.), provavelmente fortemente influenciado por uma forma de escatologia apocalíptica e que ainda estava em andamento ou havia terminado recentemente quando o Evangelho foi escrito. Isso nos leva [...] ao cenário de vida de Marcos e de sua comunidade no ambiente criado pela

³⁴ BEALE, G. K. Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 22-23.

³⁵ MARCUS, J. The way of the Lord: christological exegesis of the Old Testament in the Gospel of Mark, p. 10.

Revolta Judaica e à luz que esse cenário lança em seu Evangelho, principalmente na exegese do Antigo Testamento.³⁶ (tradução nossa)

Esse tipo de interpretação escatologicamente orientada era muito comum entre os judeus. No Evangelho de Marcos, por exemplo, é possível observar além desta tendência hermenêutica, outras estratégias exegéticas muito comuns entre os judeus.

A conjuração do contexto maior de uma passagem pela citação de um ou dois versos específicos é [...] uma prática marcana consistente, e essa prática corresponde a um método de citação encontrado na literatura rabínica. Outras técnicas de Marcos que parecem emprestadas da exegese judaica incluem a escolha de uma versão específica do Antigo Testamento por ser teologicamente útil; o ajuste do texto do Antigo Testamento para torná-lo mais aplicável à situação e útil para teologia marcana; a fusão dos textos do Antigo Testamento; a reconciliação das contradições das Escrituras e o esmaecimento da linha entre Escritura e interpretação.³⁷ (tradução nossa)

É possível, ainda, encontrar traços deste perfil interpretativo entre os rabinos através do *midrash*, entre os essênios em Qumran, através do *peshet*, quando aplicado à figura do Mestre da Justiça e, também, na literatura apocalíptica.³⁸

A descoberta dos Manuscritos do Mar Morto revolucionou o estudo do Antigo Testamento no Novo. Agora, temos uma infinidade de textos vindos de uma comunidade do mesmo período da Igreja primitiva, que também pensava que as escrituras estavam sendo cumpridas neles. Vimos técnicas como tipologia, alegoria, links de palavras-chave, citação de textos variantes, alteração do texto citado e leitura do texto de uma maneira surpreendente ou não ortodoxa.³⁹ (tradução nossa)

É justamente o pressuposto de estar vivendo na era da realização ou nos dias de cumprimento escatológico, compartilhado tanto pelos autores do Novo Testamento quanto pelos manuscritos encontrados em Qumran, que gerou a ocasião para atualização dos escritos para o novo contexto.

O sermão de Pedro no dia de Pentecostes começa com a afirmação de que “os últimos dias” estão sendo atualizados agora. E este tema é recorrente em toda a pregação dos primeiros cristãos. Tal como

³⁶ MARCUS, J. The way of the Lord: christological exegesis of the Old Testament in the Gospel of Mark, p. 10.

³⁷ MARCUS, J. The way of the Lord: christological exegesis of the Old Testament in the Gospel of Mark, p. 10.

³⁸ BEALE, G, K. Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 21-22.

³⁹ MOYISE, S. The Old Testament in the New: an introduction, p. 19.

aconteceu com os pactos de Qumran, os primeiros judeus crentes em Jesus entendiam suas antigas Escrituras em um contexto escatológico. Ao contrário dos sectários do Mar Morto, porém, cuja escatologia era principalmente proléptica e antecipada, os cristãos estavam convencidos de que a chegada da Era Messiânica foi um fato consumado. O messianismo foi realizado em Jesus de Nazaré, e os últimos dias inaugurados com ele.⁴⁰ (tradução nossa)

Isso significa que “as Escrituras podem ser aplicadas diretamente às pessoas envolvidas nos eventos escatológicos finais [...]. Ambos os grupos [cristãos e essênios] viam o estabelecimento de sua comunidade como um cumprimento das promessas de Deus para Israel e ambos pensaram que o julgamento logo cairia sobre aqueles que resistissem”.⁴¹

5.3 Hermenêutica cristocêntrica

Não é suficiente, no entanto, lidar apenas com questões de intertextualidade, com as convenções exegéticas do judaísmo primitivo ou com uma postura hermenêutica escatologicamente orientada dos escritores do NT sem apreciar a natureza cristotélica da exegese apostólica. Essa segunda tendência interpretativa, ou, como seria possível denominar, “hermenêutica cristocêntrica”, onde eles liam Cristo em passagens que aparentemente nada se relacionavam com o futuro messias também era comum e bastante disseminada.

Peter Enns observa três visões dentro da crítica evangélica: (1) os autores do NT estavam cientes do contexto do AT e eram fiéis a ele; (2) eles não eram fiéis ao contexto, mas também não o “interpretavam”, apenas o “aplicavam”; e (3) eles estavam sob a autoridade apostólica e, portanto, não tiveram que permanecer fiéis ao contexto do AT. Ele acredita que todos os três são fracos e sugere um quarto: os autores neotestamentários não eram consistentes com o contexto original, mas o interpretavam “à luz da vinda de Cristo”. Em um ponto eu concordo: eles veem o AT através da realidade da vinda de Cristo, mas também conheciam o contexto do AT e o transformavam, levando em conta o advento de Cristo.⁴²

Para alguns estudiosos, esse tipo de “hermenêutica livre” ora escatológica, ora cristocêntrica, ora ambas, dava fácil ocasião para uma possível distorção de sentido das

⁴⁰ LONGENECKER, R. N. *Biblical exegesis in the apostolic period*, p. 78-79.

⁴¹ MOYISE, S. *The Old Testament in the New: an introduction*, p. 128-129.

⁴² OSBORNE, G. R. *A espiral hermenêutica*, p. 423.

palavras do AT, além de demonstrar uma marca indelével da falibilidade humana presente no NT.⁴³ Mas, para aqueles que defendem o *sensus plenior*⁴⁴ das Escrituras este tipo de leitura é justificável, já que eles consideram que os autores bíblicos partiam de uma análise que levava em conta o contexto mais amplo do AT, agora interpretado a partir de um novo dado revelado, a saber, o Cristo.⁴⁵

É importante salientar que quando se leva em consideração o *sensus plenior*, apesar do NT utilizar passagens do AT de modo a fornecer uma dimensão adicional que vai além do sentido histórico-gramatical original, isso não cancela o significado histórico-gramatical original. A passagem do AT preserva o seu significado. A inspiração para o segundo significado, atualização ou aplicação do AT no NT é o próprio contexto e autoridade do NT.⁴⁶

Em relação a isso, C. F. D. Moule assevera:

Três fatores principais são discerníveis. Primeiro, o judaísmo pré-cristão (baseado em parte nas tradições gentílicas) já havia desenvolvido certas maneiras de interpretar as escrituras. Em segundo lugar, o próprio Jesus, durante seu ministério, usou as Escrituras com grande originalidade, mas com uma compreensão dos métodos tradicionais. E em terceiro lugar, os primeiros cristãos estavam cientes de que a voz da profecia inspirada, por muito tempo silenciosa, havia começado mais uma vez a ser audível; e, portanto, usaram tanto as escrituras quanto as memórias e tradições das palavras de Jesus com a liberdade criativa dos inspirados. Esse terceiro fator, na verdade, se interliga de maneira notável com o segundo; para o Jesus histórico, cuja exegese da Escritura eles recordaram foi ao mesmo tempo considerada muito mais do que um mestre de dias passados: como o Senhor da fé, ele ainda estava com e dentro e entre seu povo enquanto eles continuavam a expor as Escrituras em seu nome. Assim, a exegese cristã primitiva da Escritura (de acordo com o que já descobrimos sobre o culto cristão primitivo e o caráter da comunidade cristã primitiva como um todo) era uma coisa nova e criativa, embora enraizada também em uma tradição judaica anterior. Cristo foi considerado mais autorizado do que a Escritura, mas no sentido de cumprir e transcender, não de aboli-la.⁴⁷ (tradução nossa)

⁴³ BEALE, G. K. Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 21-22.

⁴⁴ Por *sensus plenior* (ou sentido pleno das Escrituras), entende-se o sentido pleno ou sentido mais profundo do texto, desejado por Deus, mas não claramente expresso pelo autor humano. Para um aprofundamento sobre o tema, sugere-se a leitura do debate sobre interpretação literal e não literal (*sensus plenior*) do AT no NT disponível em: THOMAS, R. L. The New Testament use of the Old Testament. In: Master's Seminary Journal, vol.13:1, mar-mai 2002, p. 79-98.

⁴⁵ BEALE, G. K. Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 28-30.

⁴⁶ THOMAS, R. L. The New Testament use of the Old Testament, p. 86-88.

⁴⁷ MOULE, C. F. D. The birth of the New Testament, 1966, p. 58 apud LONGENECKER, R. N. Biblical exegesis in the apostolic period, p. xxx-xxxi.

Uma importante contribuição para a compreensão destas questões é dada por C. H. Dodd em seu livro *According to the Scriptures* (1952). Nesta obra, Dodd faz uma síntese de diversas proposições levantadas por autores que o precederam e defende duas ideias principais que norteiam os estudos a respeito do uso do AT no NT até os dias de hoje: (1) “que as citações e alusões do AT no NT levam em conta o contexto mais amplo da passagem do AT em que estão inseridas”; (2) “que o AT formou a subestrutura da teologia do NT, fornecendo [...] as principais categorias teológicas e uma estrutura de pensamento que são finalmente interpretadas pelo acontecimento salvador da vinda de Jesus”.⁴⁸

A seleção que os autores do NT faziam de textos do AT não era aleatória, arbitrária nem desarmônica com o sentido original do AT, mas, sim, determinada por uma perspectiva mais abrangente e dominante que enxerga a história da redenção unificada por um plano onipotente e sábio. Esse plano revela os princípios imutáveis da fé em Deus, a fidelidade divina no cumprimento das promessas, a revolta dos incrédulos, o juízo divino sobre eles e a glória de Deus. Portanto, os autores do NT tinham uma preocupação muito evidente com padrões históricos e canônicos mais abrangentes ou com pessoas importantes (ex., profetas, sacerdotes e reis), instituições e fatos que eram componentes essenciais desses padrões. Esse destaque era em grande medida facilitado pela convicção de que Cristo e a igreja representavam então o verdadeiro Israel. Por isso, era atraente ver vários segmentos e padrões da história de Israel extraídos do AT retomados em Cristo e na igreja do NT. Essa perspectiva holística evitava que os autores se concentrassem em minúcias exegética ou teologicamente insignificantes das passagens e os direcionava a buscar, nas citações de referências individuais, sinais de um tema, ou temas, histórico-salvífico mais amplo no contexto veterotestamentário imediato, e também no maior, do qual faziam parte.⁴⁹

Sob a perspectiva de Dodd, entender as aplicações do AT que parecem ter sido retiradas do seu contexto original no NT, não significa necessariamente uma arbitrariedade. Dodd chama a nossa atenção para um contexto teológico construído durante centenas de anos que norteia o modo interpretativo dos autores bíblicos. Quando Mateus aplica à Jesus aquilo que o AT previa para Israel (Mt 2,4-22), e Paulo aplica à igreja aquilo que era previsto para Israel (Rm 9,24-26), não estamos diante de uma falácia hermenêutica, mas diante de mais um viés interpretativo que norteava os autores bíblicos, relacionado à solidariedade racial ou “personalidade coletiva”.⁵⁰

⁴⁸ DODD, C. H. *According to the Scriptures*, 1952 apud BEALE, G. K. *Teologia Bíblica do Novo Testamento: a continuidade teológica do Antigo Testamento no Novo*, p. 33.

⁴⁹ BEALE, G. K. *Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*, p. 133.

⁵⁰ Para um aprofundamento detalhado a respeito do tema, indica-se a leitura da tese doutoral de Russel P. Shedd, intitulada *A solidariedade da raça: o homem em Adão e em Cristo*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

5.4 Hermenêutica solidária ou coletiva

É graças a este terceiro pressuposto hermenêutico, bastante comum na mentalidade hebraica desde o AT, que aquelas leituras aparentemente retiradas do contexto original ganham sentido e pleno significado sob o novo contexto. Quem cunhou e popularizou o conceito de solidariedade humana a partir da sua análise da mentalidade hebraica foi o acadêmico inglês H. W. Robinson.⁵¹

O termo em si, oriundo do conceito de solidariedade da lei inglesa, encontra seu equivalente na cosmovisão bíblica quando se percebe a noção de prolongamento pessoal de uma corporação, ou seja, quando “uma nação ou família, incluindo-se os membros passados, presentes e futuros, pode operar como um único indivíduo por intermédio de qualquer um dos membros julgado seu representante. Portanto, a comunidade era vista como um elo interminável”.⁵²

Shedd aponta o quanto esta ideia está presente no AT e cita, à guisa de exemplo, MI 1-4 onde Esaú e a nação de Edom são considerados equivalentes; Is 41,8 onde Israel como nação e Jacó como a fonte paterna são quase indistinguíveis; Os 11,1, onde a nação é tratada como indivíduo; Js 7,9; Dt 29,20; 2Rs 14,27; 1Sm 24,21.22; Jó 18,17.19, onde a “eliminação do nome de sobre a face da terra” é mais do que a destruição de um indivíduo, mas de toda uma linhagem familiar; Gn 9,4; Dt 12,33, onde cada membro de uma família partilha do mesmo sangue e, por conseguinte, da mesma vida; e, por fim, Dt 5,3.6; 6,12 e Am 3,1 onde fica bem ilustrado a ideia de que os filhos e as gerações posteriores podem partilhar as experiências de seus ancestrais.⁵³

Os desdobramentos desta mentalidade desembocam nas ideias de bênçãos e maldições que podem ser estendidos às gerações posteriores, ou seja, pode haver uma implicação nacional relacionada ao pecado de um ancestral ou uma bênção nacional relacionada ao cumprimento da aliança. Todo esse pensamento culmina na própria religião israelita, profundamente ancorada na mediação sacerdotal e seus ritos sacrificiais, festivos e demais instituições.⁵⁴ Entendendo este princípio, uma boa parcela de textos do AT que aparentam estar fora de contexto no NT passa a fazer mais sentido.

⁵¹ ROBINSON, H. W. The hebrew conception of corporate personality, 1936, p. 49 apud SHEED, R. P., A solidariedade da raça: o homem em Adão e em Cristo, p. 16.

⁵² SHEED, R. P. A solidariedade da raça: o homem em Adão e em Cristo, p. 16.

⁵³ SHEED, R. P. A solidariedade da raça: o homem em Adão e em Cristo, p. 17-23.

⁵⁴ SHEED, R. P. A solidariedade da raça: o homem em Adão e em Cristo, p. 23-46.

É sob esta perspectiva que textos antes dirigidos a Israel encontram continuidade e o seu cumprimento escatológico em Jesus Cristo e na Igreja. Na exegese de Marcos encontramos estes aspectos presentes em toda narrativa. As profecias do AT que culminam no *eschaton* estão focadas de maneira sem precedentes e surpreendentes na figura individual de Jesus⁵⁵ que solidariamente representa toda coletividade humana.

Quando nos voltamos para o Novo Testamento, passamos da atmosfera da predição para a do cumprimento. As coisas que Deus havia predito pela boca de seus santos profetas agora atingiram, ao menos em parte, seu cumprimento [...]. O sinal supremo do *eschaton* é a ressurreição de Jesus e a descida do Espírito Santo sobre a igreja. A ressurreição de Jesus não é simplesmente um sinal que Deus concedeu em favor de seu Filho, mas é a inauguração, a entrada na história, dos tempos do fim. Portanto, os cristãos foram introduzidos na nova era por meio de Cristo [...]. O que havia sido previsto nas Escrituras Sagradas para ocorrer com Israel ou com o homem no *eschaton* aconteceu com Jesus e em Jesus. A pedra fundamental da nova criação foi lançada.⁵⁶

Seguindo Dodd e sua perspectiva de continuidade intertestamentária, Beale faz uma síntese daquilo que ele considera ser os principais pressupostos hermenêuticos relacionados aos autores do NT para uso do AT em suas composições:

(1) Há o pressuposto evidente de solidariedade ou representação coletiva; (2) Diante da solidariedade ou representação coletiva, Cristo, como o Messias, é considerado representante do Israel verdadeiro do AT e o Israel verdadeiro — a igreja — no NT; (3) A história é unificada por um plano sábio e soberano, tanto que as partes mais antigas são projetadas para corresponder às partes mais novas e apontar para elas (cf. Mt 5,17; 11,13 ; 13,16.17); (4) A era do cumprimento escatológico chegou com Cristo; (5) Do pressuposto anterior, segue que as partes mais novas da história bíblica funcionam como o contexto mais amplo para a interpretar as mais antigas, porque todas têm, em última análise, o mesmo autor divino, que inspira os vários autores humanos. Uma dedução dessa premissa é que Cristo é o alvo que o AT indicava e é o centro da história da salvação no fim dos tempos — essa é a chave para interpretar as partes mais antigas do AT e suas promessas.⁵⁷

Um outro fator de interesse que corrobora para o otimismo de alguns estudiosos em relação à capacidade dos autores do NT se referirem ao AT contextualmente, é o fato de

⁵⁵ MARCUS, J. The way of the Lord: christological exegesis of the Old Testament in the Gospel of Mark, p. 203.

⁵⁶ MANSON, W. Eschatology in the New Testament. In: Eschatology: four papers read to the society for the study of theology, SJTOP 2, 1953, p. 6 apud BEALE, G. K. Teologia Bíblica do Novo Testamento: a continuidade teológica do Antigo Testamento no Novo, p. 38.

⁵⁷ BEALE, G. K. O uso do Antigo Testamento no Novo Testamento e suas implicações hermenêuticas, p. 52; BEALE, G. K. Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 130-131.

não haver certeza absoluta de que alguma forma de exegese *midráshica* não contextual fosse tão comum ou importante antes do ano 70 d.C., “uma vez que a maior parte dos exemplos são posteriores, e os mais antigos, os que podem ser datados com alguma probabilidade, não parecem refletir esse enfoque interpretativo livre”.⁵⁸ A preocupação com uma exegese contextual é encontrada com frequência tanto em Qumran quanto na literatura apocalíptica, minando, de certa forma, o argumento daqueles que defendem uma influência dominante de uma exegese judaica não contextual sobre os intérpretes cristãos.⁵⁹

De todos os padrões e pressupostos hermenêuticos levantados, aquele que mais se destaca como diferencial inovador do uso do AT no NT é o da leitura cristotélica das Escrituras, que associado à exegese da época, à mentalidade vigente e ao exemplo deixado pelo próprio Cristo, foi capaz de produzir uma interpretação distinta e particular do AT.⁶⁰

6 Conclusão

É possível observar que apesar do uso de métodos exegéticos e até de uma leitura escatológica em comum com seus contemporâneos judeus, os autores cristãos apresentam como diferencial uma hermenêutica cristocêntrica sustentada pelo forte senso de solidariedade racial que reivindica Jesus como cumprimento das Escrituras. Não parece haver aqui uma intenção de descontinuidade em relação ao AT, mas de demonstrar como que os textos, quando interpretados corretamente, alcançam seu *eschaton* em Cristo.⁶¹

7 Referências Bibliográficas

BEALE, G. K. **Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento: exegese e interpretação.** São Paulo: Vida Nova, 2013.

BEALE, G. K. **O uso do Antigo Testamento no Novo Testamento e suas implicações hermenêuticas.** São Paulo: Vida Nova, 2014.

⁵⁸ BEALE, G. K. Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 23.

⁵⁹ BEALE, G. K. Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 23.

⁶⁰ LONGENECKER, R. N. Biblical exegesis in the apostolic period, p. 86-87.

⁶¹ MOYISE, S. The Old Testament in the New: an introduction, p. 132.

BEALE, G. K. **Teologia Bíblica do Novo Testamento**: a continuidade teológica do Antigo Testamento no Novo. São Paulo: Vida Nova, 2018.

BEETHAM, C. A. **Echoes of scripture in the letter of Paul to the Colossians**. Boston: Brill, 2008.

FISCHER, A. A. **O texto do Antigo Testamento**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

GUNDRY, S. N.; BERDING, K.; LUNDE, J. (eds.). **Three views on the New Testament use of the Old Testament**. Michigan: Zondervan / Grand Rapids, 2008.

HAYS, R. B. **Echoes of scripture in the letters of Paul**. London: Yale University Press, 1989.

KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. שָׁרָר . In: KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. **The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament**. Leiden: Brill, 1994-2000, p. 233.

LONGENECKER, R. N. **Biblical exegesis in the apostolic period**. Michigan: Grand Rapids, 1999.

MARCUS, J. **The way of the Lord**: christological exegesis of the Old Testament in the Gospel of Mark. London / New York: T&T Clark International / Continuum, 2004.

MOYISE, S. Intertextuality and biblical studies: a review. **Verbum et Ecclesia**, vol.23, Iss. 02, Jan. 2002, p. 418-431. Disponível em: <[https://repository.up.ac.za/bitstream/handle/2263/10735/Moyise_Intertextuality\(2002\).pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repository.up.ac.za/bitstream/handle/2263/10735/Moyise_Intertextuality(2002).pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 03 jan. 2021.

MOYISE, S. **The Old Testament in the New**: an introduction. London; New York: Continuum, 2001.

OSBORNE, G. R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PÉREZ FERNÁNDEZ, M. **Textos fuente y contextuales de la narrativa evangélica**: metodología aplicada a una selección del evangelio de Marcos. Estella: Verbo Divino, 2008.

PÉREZ FERNÁNDEZ, M. Textos fuente y textos contextuales de la narrativa evangélica. In: **Dead Sea Scrolls and Other Early Jewish Studies in Honour of Florentino García Martínez**. Leiden: Brill, 2007, p. 605-622.

PORTON, G. G. *Midrash*. In: FREEDMAN, D. N. (org.). **The Anchor Yale Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1992, vol. 04, p. 818-822.

SCHNELLE, U. **Introdução à exegese do Novo Testamento**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

SHEED, R. P. **A solidariedade da raça: o homem em Adão e em Cristo**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

THOMAS, R. L. The New Testament use of the Old Testament. In: **Master's Seminary Journal**, v.13:1, mar-mai 2002, p. 79-98.